

## **A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NO ENSINO REGULAR**

Genilde do Nascimento Alves Monteiro<sup>1</sup>  
Thayná Lopes da Silva<sup>2</sup>  
Marinete Nogueira Dias<sup>3</sup>  
Francineide Silva de Almeida Santos<sup>4</sup>  
Adria Silva de Lima<sup>5</sup>  
José Fernandes Góis<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como título a relevância da afetividade na inclusão de alunos com deficiência visual no ensino regular buscando compreender o processo da afetividade na relação professor-aluno no contexto do processo ensino-aprendizagem do ensino regular. Sabemos que incluir é garantir acesso aos indivíduos a participar de todas as atividades sociais existentes apoiadas em legislações. O artigo foi construído mediante pesquisas e levantamentos bibliográficos através de livros, artigos científicos, dissertações e sites que contemplam a temática. Como objetivo buscamos verificar como a afetividade pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência visual. Para responder a esse questionamento nos apoiaremos na teoria de Wallon observando as concepções que permeiam o processo ensino-aprendizagem. Onde verificou-se que a afetividade aplicada no processo de inclusão depende de diversos fatores como a relação professor-aluno e a relação família-aluno que são elementos marcantes para que o processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual possa acontecer naturalmente e com maior eficácia.

**Palavras-chave:** Afetividade. Inclusão. Deficiência visual. Processo ensino-aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

O processo de inclusão de alunos com deficiência visual no ensino regular aumenta relativamente, fazendo com que as escolas tenham que se adaptar para receber esses alunos de forma inclusiva.

O Estado tem proporcionado legislações que amparam as pessoas com deficiência visual. Entre elas podemos citar a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB. 9394 de 1996. Elas garantem o acesso e a permanência

<sup>1</sup> Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia na UNIMETA no ano de 2017.

<sup>2</sup> Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia na UNIMETA no ano de 2017.

<sup>3</sup> Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia na UNIMETA no ano de 2015.

<sup>4</sup> Formada em Licenciatura Plena em Geografia na UFAC no ano de 2008.

<sup>5</sup> Formada em Licenciatura Plena em Pedagogia na UNIMETA no ano de 2017.

<sup>6</sup> Formado em Licenciatura Plena em Letras Vernáculas UFAC no ano 2021.

do aluno com deficiência visual na educação básica. Podemos verificar na Constituição Federal:

**Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2016, p. 123)

Reforçado na LDB no trecho:

**Art. 2º** A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2016, p. 8)

De acordo com essas legislações, a escola deve garantir o acesso e a permanência do aluno com deficiência visual no ensino regular com os mesmos direitos dos alunos ditos normovisuais. Esse público alvo requer um atendimento diferenciado com mais recursos para que o processo de inclusão realmente se efetive.

Nesse sentido, a afetividade ganha contornos bem maiores na construção do processo ensino-aprendizagem e que o aluno se sinta realmente incluído fisicamente e afetivamente por todos no ambiente escolar e fora dele, pois é um aluno dotado de inteligência que precisa ser explorada. Nesse caso Barbosa cita:

O dado mais relevante para nosso estudo, porém, é que, para Wallon, “a inteligência e a afetividade estão integradas: a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende de construções afetivas”. (BARBOSA, 2016, p. 42)

Nota-se na fala de Barbosa que a afetividade vai muito além de um simples conceito. Ela deve englobar sentimentos, ações para contribuir com o desenvolvimento cognitivo do aluno com deficiência visual. Logo, o local mais propício para que isso aconteça seria a escola por meio de seus professores que buscarão fazer a mediação dos conceitos para o processo de ensino-aprendizagem possa ocorrer de uma forma bem prazerosa e lembrando que um aluno com deficiência visual pode ter uma forma específica de entender determinados conceitos.

Com isso chegamos a seguinte problemática: “Como a afetividade pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência visual no ensino regular?” Esse problema foi definido observando os inúmeros desafios que um aluno com deficiência visual enfrenta em sua trajetória escolar. Muitas vezes por falta de

afetividade e métodos inovadores no processo de inclusão.

A metodologia está pautada a partir de levantamentos bibliográficos relacionados com a afetividade em artigos, teses, livros, sites e outros periódicos que estejam ancorados na teoria de Henri Wallon. Tudo isso visando melhorar o processo de inclusão dos alunos com deficiência visual que será detalhado posteriormente.

A organização do trabalho está definida da seguinte forma: inicialmente será feita uma breve introdução e exposto o nosso referencial dividido em três subseções, a primeira seção discute sobre o conceito de deficiência visual; uma segunda trata do processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual; e uma terceira trata da afetividade nesse processo de inclusão.

## **2. DEFICIÊNCIA VISUAL**

### **2.1. Conceito de cegueira**

Iniciaremos esclarecendo que a deficiência visual inclui dois grupos: cego e baixa visão. De acordo com material do MEC (2007) que fala sobre Atendimento Educacional Especializado ele define cegueira como:

Uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. Pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida) em decorrência de causas orgânicas ou acidentais. Em alguns casos, a cegueira pode associar-se à perda da audição (surdocegueira) ou a outras deficiências. Muitas vezes, a perda da visão ocasiona a extirpação do globo ocular e a conseqüente necessidade de uso de próteses oculares em um dos olhos ou em ambos. Se a falta da visão afetar apenas um dos olhos (visão monocular), o outro assumirá as funções visuais sem causar transtornos significativos no que diz respeito ao uso satisfatório e eficiente da visão. (BRASIL, 2007, p. 15)

Observamos que a deficiência visual é um fator que pode ser congênito ou adquirido isso torna a vida das pessoas que convivem com esse aluno bem diferenciada, pois haverá uma dedicação maior em seu acompanhamento escolar para que ele possa desenvolver-se por completo. O interessante é que os professores possam iniciar o processo de ensino-aprendizagem através das simbolizações, pois “o processo de simbolização é decisivo para que o pensamento atinja uma representação mais objetiva da realidade, pois substitui as referências pessoais por signos convencionais” (Wallon,

1995).

Logo, o aluno com deficiência visual pode formar suas imagens mentais de maneira que seu pensamento possa se desenvolver junto a sua inteligência por todo o processo ensino-aprendizagem.

## 2.2. Conceito de baixa visão

A baixa visão de acordo com material do MEC 2007 diz:

A definição de baixa visão (ambliopia, visão subnormal ou visão residual) é complexa devido à variedade e à intensidade de comprometimentos das funções visuais. Essas funções englobam desde a simples percepção de luz até a redução da acuidade e do campo visual que interferem ou limitam a execução de tarefas e o desempenho geral. (BRASIL, 2007, p. 16)

A baixa visão seria um novo estágio para o aluno, já que pode reduzir o número de informações que ele pode receber do ambiente tornando o conhecimento mais restrito. Podemos observar um quadro bem detalhado que está disponível na dissertação de Arruda 2017 falando sobre baixa visão.

**Quadro 1 - Classificação das limitações visuais segundo a OMS CID 10<sup>7</sup> – versão 2007.**

Classificação da Deficiência visual		Acuidade visual com a melhor correção possível	
		Máximo inferior a	Mínimo igual ou melhor que
Baixa visão	1	3/10 (0,3)	1/10 (0,1)
	2	1/10 (0,1)	1/20 (0,05)
Cegueira	3	1/20 (0,05)	1/50 (0,02)
	4	1/50 (0,02) conta dedos a 1 m	Percepção de luz
	5	Sem percepção de luz	
9		Indeterminada, não especificada	

**Fonte:** Sobre a deficiência visual, 2008. Adaptado de Mosqueira, 2010, p. 51 e Arruda 2017, p. 52.

<sup>7</sup> CID 10: A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde é uma das principais ferramentas epidemiológica do cotidiano médico. Desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a principal função do CID é monitorar a incidência e prevalência de doenças, através de uma padronização universal das doenças, problemas de saúde pública, sinais e sintomas, queixas, causas externas para ferimentos e circunstâncias sociais, apresentando um panorama amplo da situação em saúde dos países e suas populações. Disponível em: <https://pebmed.com.br/cid10/>.

Na próxima seção iremos falar sobre o processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual. Observando os fatores que ocorre em seu aprendizado durante o ensino fundamental.

### **3. PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

A sociedade vive momentos de muitas transformações que impulsionam em modificações na escola. Nesse sentido a inclusão escolar passa a ter uma visão ampla, pois a escola precisa trabalhar com as diferenças. Assim, a função do professor passa a ser de fundamental importância no desenvolvimento do educando. Daí, vemos que a afetividade pode ser um fator primordial no ambiente escolar, pois segundo Wallon:

Entre indivíduos, são o acordo ou a reciprocidade das atitudes os primeiros a poder realizar uma espécie de contato e de entendimento mútuos, mas ainda totalmente absorvidos pelos apetites ou pela impulsividade do instante presente. Uma imagem que sirva para a comparação e para a previsão só poderá nascer dessas relações pragmáticas e concretas reduzindo gradualmente a parte que cabe às reações posturais, ou seja, às emoções e à afetividade. Inversamente, cada vez que voltarem a prevalecer atitudes afetivas e a emoção correspondente, a imagem perderá sua polivalência, se obscurecerá, será abolida. (WALLON, 2010, p. 74)

Vemos que o contato com o professor favorece o processo de ensino-aprendizagem já que é uma relação mútua. Logo, o professor terá que ganhar confiança do aluno e da família para se efetivar o processo de inclusão.

O conceito de inclusão está relacionado com que todas as crianças frequentar lugares sociais e a escola. O estado deve prover meios facilitadores para que assegurem sua permanência no ensino regular. O ensino tem uma infinidade de culturas provocando muitos medos e emoções nesse processo fazendo com que a inclusão escolar seja um elemento de muito valor, pois tem como fundamento além de incluir as pessoas com deficiência precisa incluir juntamente o aluno dito normal.

O processo de inclusão é um pouco complexo e a escola tem que buscar meios para que todos possam participar desse processo. Nesse caso entra um fator muito importante que seria a afetividade. A afetividade no ambiente escolar de um aluno com deficiência visual passa por todos os seguimentos da escola. O aluno para ter um melhor aprendizado precisa se sentir amado, acolhido, respeitado inserido em um grupo como

afirma Oliveira (2011):

Através da construção de sua identidade ela aprende a se aceitar como é com suas capacidades e limitações. As atividades coletivas favorecem o desenvolvimento da socialização, estimulando a compreensão, a participação e a cooperação. Dessa forma a criança vai desenvolvendo o conceito do grupo. Além disso, ao expressar-se em atividades que lhe dêem prazer, ela demonstra seus sentimentos, libera suas emoções, desenvolvendo um sentimento de segurança e auto-realização.

Os sentimentos e emoções são termos centrais da teoria de Henry Wallon e são essenciais no desenvolvimento cognitivos dos alunos. Segundo a teoria de Wallon (1995) “as emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certas disposições específicas de sua sensibilidade”. Isso nos diz que o aluno expressa seus desejos e vontades através da emoção. Essas relações são levadas ao contexto escolar sendo que a afetividade atua diretamente na relação professor-aluno em todos os níveis escolares.

Sendo assim, o processo ensino-aprendizagem para alunos com deficiência visual passa a ser efetivado por relações afetivas exercidas pelo professor atualmente como diz Santos (2011):

O docente contemporâneo tem que enxergar o processo de ensino com uma nova visão em relação a inclusão. É preciso dosar com muito afeto, pois não são apenas os deficientes, mas todos aqueles segregados, fracassados na escola, humilhados para a vida, todos aqueles que a escola finge em não ver, e que, na verdade, necessitam de muita atenção. Pois, somente através do carinho, do toque, do amor, da confiança e de muito estudo de educadores envolvidos no processo de construção do conhecimento é que poderemos dizer que estamos caminhando para uma sociedade inclusiva, menos desigual, mais acolhedora, principalmente com nossas crianças para que essas, inseridas na escola, possam enriquecer os processos de aprendizagem de todos através da união de suas diferenças. (SANTOS, 2011, p. 23)

Portanto, percebemos na fala de Santos que a afetividade gera muitos laços com o ambiente escolar em especial ao professor que deve ganhar a confiança do aluno fazendo que a relação professor-aluno seja o principal elo do processo de ensino e que a partir dele a escola possa construir uma relação afetiva com os alunos e fazer com que o espaço da sala de aula torna-se um lugar favorável à inclusão.

Na próxima seção passaremos a analisar a afetividade nesse processo de inclusão. Observando pontos da teoria de Wallon que interfere diretamente no processo de ensino-

aprendizagem no ensino regular.

#### **4. A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO**

Todas as emoções que o aluno com deficiência visual sente está diretamente ligada ao local que ele se encontra. Na maior parte do tempo ele está na escola, logo a afetividade influencia em todo seu processo educacional na relação professor-aluno sendo um forte aliado no processo de inclusão. Para Wallon (1995) “as emoções são respostas do meio humano em que as pessoas se encontram e não do meio físico, além de serem consideradas a primeira e mais forte forma de vínculo entre os indivíduos”.

Percebe-se que o processo de inclusão de um aluno com deficiência visual depende do apoio e adequação da equipe pedagógica da escola que deve estar bem preparada para acolher esse aluno e um dos fatores que mais atrapalham seu aprendizado é o apoio da família, mais especificamente a falta de afeto dos pais com relação aos seus filhos. No tocante ao aluno com deficiência visual a relação família-aluno deve estar bem presente na escola, garantindo que o aluno se desenvolva e esteja incluso no processo educacional. Daí a afetividade se torna um grande elemento para o aluno com deficiência visual em seu processo de inclusão.

A família tem a função de preparar o emocional da criança, principalmente nos primeiros anos escolares, pois o meio familiar em que a criança está inserida é o seu primeiro ambiente de aprendizagem”. Wallon deixa claro a importância da família para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Através desses argumentos podemos notar que a afetividade tem uma ligação direta com a aprendizagem. No ensino regular essa relação fica mais evidente quando ele começa a se relacionar com os demais alunos com níveis de cognição diferentes. Um aluno que se relaciona bem com a turma terá mais facilidade em desenvolver seu conhecimento e uma maior facilidade em aprender. Ormelezi (2000) reforça esse pensamento quando fala:

A afetividade é responsável, por meio da mediação sócio-cultural, pela passagem que o ser humano vive da vida orgânica à organização da vida racional, ou seja, no início da vida há uma supremacia do modo de existir afetivo, que vai passar a alternar-se com a atividade cognitiva no consumo da energia psicogenética, uma influenciando a outra, a partir das aquisições sensório-motoras no conhecimento do mundo. Seguindo na linha da constituição do sujeito e do objeto, ao adquirir a função simbólica e a

linguagem, a comunicação afetiva se fortalece e retroalimenta a cognição. (ORMELEZI, 2000, p. 57)

Na visão da autora concluímos que o aluno passa por diversos estágios que são explorados na teoria de Wallon para que possamos entender o aluno em todas as suas dimensões. Logo, é necessário que o processo entenda cada fase que o aluno desenvolve para que ele possa criar um ambiente bem prazeroso para que o processo ensino-aprendizagem possa acontecer de maneira bem amável.

Cada aluno é um ser único, com processos diferentes de aprendizagem que precisam e devem ser respeitados pelos demais fortalecendo as relações que ocorre no ambiente escolar. Oliveira (2011) faz uma ressalva nesse ponto afirmando nesse trecho que “nas relações interpessoais, principalmente família e no ambiente escolar, professores e colegas, pois muitas vezes não sabem como se relacionar com o aluno com baixa visão, favorecendo para dificuldades em sua identidade pessoal”.

Portanto, em um ambiente escolar totalmente integrado, o professor precisa entender e conhecer o aluno com deficiência visual. Precisa, de acordo com Wallon (1995) entender “a identificação dos fatores responsáveis, que pode estar no plano dos conteúdos de ensino, das atitudes do professor, da organização do espaço da sala de aula ou do tempo das atividades, propicia a possibilidade de aperfeiçoamento da prática”.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa buscou reflexões sobre o papel da afetividade no processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência visual por meio da relação professor-aluno e família-aluno usando a teoria de Henri Wallon para essa análise usando algumas de suas obras que falam da temática em questão.

Utilizamos uma pesquisa bibliográfica com autores que abordam a temática fazendo análise através de seus estudos. Analisando o referencial teórico em questão pode-se perceber o quanto a afetividade pode ajudar o aluno com deficiência visual em seu processo escolar. Sendo que os principais vínculos afetivos estão presentes dentro do ambiente escolar. O professor torna-se um mediador desse processo a partir do momento que ele recebe esse aluno e o inclui dentro de um grupo bastante heterogêneo.

A partir disso, ele passa a se desenvolver de forma coletiva com ajuda dos demais promovendo o que chamamos de inclusão. Desse modo, família, professor e gestão

escolar precisam estar alinhados para compartilhar novos conhecimentos com esse aluno para que ele se sinta querido dentro do contexto escolar.

Um ponto que merece grande destaque é a relação professor-aluno dentro do ambiente escolar. Analisando os textos que falam sobre o tema percebemos o quanto o docente tem que conhecer o aluno com deficiência visual para que ele possa propor estratégias de aprendizagem por meio de suas necessidades. A partir desse ponto, a afetividade ganha significado, pois ela ajudará no seu desenvolvimento cognitivo por meio da confiança que o aluno tem com seu professor. Cabe ainda ao professor criar relações afetivas entre todos os alunos e com sua família.

Nesse ponto surge outra relação que merece um grande destaque “a relação família-aluno” já que esse fator interfere diretamente em seu aprendizado escolar, pois a família é a base de todo o processo e ela precisa estar presente no ambiente escolar, isso faz com que a afetividade seja um ponto crucial no processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência visual.

O papel do educador tem que se dá de forma afetiva para solucionar problemas que ocorrem no cotidiano escolar. Pois fatores de ordem psicológica interferem na prática do professor, isso mostra que a inclusão e a afetividade andam lado a lado no ensino regular.

Portanto, a afetividade no ensino regular é um desafio principalmente quando o público alvo são alunos com deficiência visual. Esse desafio pode ser recorrido através de novas metodologias para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, K. N. **Formação docente por meio da tecnologia assistiva em um ambiente virtual de aprendizagem para ensinar conceitos matemáticos para alunos com deficiência visual.** Dissertação (Mestrado) 159 f. Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Rio Branco, 2017.

BARBOSA, I. J. **no olimpo da inclusão: a importância da afetividade para a educação de pessoas com deficiência visual.** Tese (Doutorado) 235 f. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988.** Brasília, DF: Senado Federal. 2016, 496 p.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 2016.

GALVÃO, I. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis, RJ; Vozes, 1995.

MOSQUERA, C. F. F. **Deficiência visual na escola inclusiva**. Curitiba: Ibepex, 2010.

OLIVEIRA, R. A. **A afetividade na formação da auto-estima do aluno com ou sem baixa visão**. Curitiba 2011.

ORMELEZI, E. M. **Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira: do universo do corpo ao universo simbólico**. Dissertação de mestrado 273 f. Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. São Paulo, 2000.

SÁ, E. D. de; CAMPOS, I. M. de; SILVA, M. B. C. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Visual**. Brasília, SEESP/SEED/MEC, 2007.

SANTOS, M. L. **A importância da afetividade na inclusão de alunos com deficiência visual na educação infantil**. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano). Faculdade UAB/UNB – Polo de Itapetininga. Brasília. 2011.

WALLON, H. **Hélène Gratiot-Alfandéry**; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 134 p.